

A MUTAÇÃO COMO METÁFORA PARA O DISCURSO DA DIFERENÇA: REPRESENTAÇÕES DAS PRÁTICAS DE RACISMO E DE HOMOFOBIA NO UNIVERSO LITERÁRIO DOS X-MEN

Rodrigo Lima Maciel¹

Resumo:

Este artigo propõe uma leitura crítico-sociológica de questões histórico-sociais abordadas nas *american graphic novel's X-Men*. Publicada inicialmente em 1963, nos Estados Unidos, essa História em Quadrinhos (HQs) tem apresentado diferentes personagens, histórias e temáticas bastante pertinentes aos atuais problemas da contemporaneidade, tais como: os conflitos étnicos, a violência urbana e a desigualdade social. Para além dessas temáticas, as HQs dos *X-Men*, em um discurso metafórico, possibilitam-nos também pensar em outras questões sociais – como as práticas de racismo e de homofobia. Desse modo, analisando trechos de revistas e filmes, em paralelo à realidade social de negros e de pessoas lésbicas, gays, bissexuais, trans e intersexos (LGBTI) no Brasil e no mundo, propomos estabelecer uma relação entre o discurso da mutação dos quadrinhos com o discurso da diferença, isto é, de respeito à alteridade. Como recurso teórico para empreender tal análise, estão articuladas, nesse texto, as reflexões do filósofo Giles Deleuze, quanto à “reversão ao simulacro”, bem como à lógica da *différance* do filósofo Jacques Derrida. Assim, a partir disso, verificamos que essa literatura nos possibilita flagrar intersecções entre as práticas discriminatórias sofridas pelos mutantes nas HQs e as práticas racistas e homofóbicas sofridas pelos negros e pelas pessoas LGBTI.

Palavras-chave: X-Men. Racismo. Homofobia.

THE MUTATION AS METAPHOR FOR THE DISCOURSE OF DIFFERENCE: REPRESENTATIONS OF RACIST AND HOMOPHOBIC PRACTICES IN THE X- MEN LITERARY UNIVERSE

Abstract:

The purpose of this article is to analyze historical-social issues in the *american graphic novel's X-Men* through a critical-sociological reading. The comic books were first published in 1963, in the United States. Those stories have present different characters, stories and themes that are extremely relevant for our contemporary issues, such as: ethnic conflicts, urban violence, and social inequality. Apart from these themes, the X-Men's comics, in a metaphoric speech, allow us to think about other social issues – like racism and homophobia. By analyzing excerpts from magazines and movies, parallel to the social reality of black people and lesbian, gay, bisexual, trans and intersex people (LGBTI) in Brazil and in the world, we propose to

¹ Mestre em Letras pela Universidade Federal da Bahia, Salvador, BA, Brasil. Professor de Literatura, Gramática e Produção Textual no Colégio Sartre, Salvador, BA, Brasil. E-mail: rodrigo.let@gmail.com



establish a relation between the discourse of comic mutation and the discourse of difference, that is, of respect for otherness. Our work and analyzes are based on the reflexions of the philosopher Giles Deleuze and his ideas about the “reversal of simulacrum”, as well as the logic of the *différance* by philosopher Jacques Derrida. Thus, we have verified this literature allows us to identify intersections between the discriminatory practices undergone by the mutants in the graphic novels and the racist and homophobic practices suffered by blacks and LGBTI people.

Keywords: X-Men. Racism. Homophobia

LA MUTACIÓN COMO METÁFORA PARA EL DISCURSO DE LA DIFERENCIA: REPRESENTACIONES DE LAS PRÁCTICAS DE RACISMO Y HOMOFOBIA EN EL UNIVERSO LITERARIO DE LOS X-MEN

Resumen:

Este artículo propone una lectura crítico-sociológica de cuestiones histórico-sociales abordadas en las *american graphic novel's X-Men*. Publicadas, inicialmente, en los Estados Unidos, estos comics han presentado diferentes personajes, historias y temáticas bastante pertinentes a los actuales problemas de la contemporaneidad, tales como: los conflictos étnicos, la violencia urbana y la desigualdad social. Además de estas temáticas, los Comics de los X-Men, en un discurso metafórico, nos posibilitan también pensar en otras cuestiones sociales - como las prácticas de racismo y de homofobia. De este modo, analizando fragmentos de revistas y películas, en paralelo a la realidad social de negros y de personas lésbicas, gay, bisexuales, trans e intersexos (LGBTI) en Brasil y en el mundo, proponemos establecer una relación entre el discurso de la mutación de los comics con el discurso de la diferencia, es decir, de respeto a la alteridad. Como recurso teórico para emprender tal análisis, están articuladas, en ese texto, las reflexiones del filósofo Giles Deleuze, en cuanto a la "reversión al simulacro", así como la lógica de la *différance* del filósofo Jacques Derrida. Así, a partir de esto, verificamos que esa literatura nos permite flagrar intersecciones entre las prácticas discriminatorias sufridas por los mutantes en los comics y las prácticas racistas y homofóbicas sufridas por los negros y por las personas LGBTI.

Palabras clave: X-Men. Racismo. La homofobia.

1 INTRODUÇÃO

As histórias em quadrinhos (HQs) são literaturas que misturam textos verbais e não verbais, eventos históricos, ficção científica e narrativas fantásticas, combinando roteiros instigantes que envolvem ação, romance, comédia e drama, tradicionalmente, representadas em artes gráficas de desenho e de publicidade. Desde a década de quarenta, os quadrinhos de super-heróis norte-americanos – em especial, das empresas *Marvel Comics Entertainment Group* e *DC Comics* – apresentam ao público infantil e adulto, problemáticas que permanecem atuais. Essas produções vêm construindo o sentimento patriótico norte-americano, ao mesmo tempo em que são capazes de promover crítica e posicionamentos ideológicos. Nessa mesma abordagem, afirmou Silva (2017, p.632) “é intrínseca não

só a relação da cultura pop, em especial, das *graphic novel's* com questões políticas, diretamente relacionadas com questões sociais, mas também os efeitos que esta gera na população que consome esse tipo de entretenimento". Em perspectiva semelhante, Fabio Ferreira Guerra também abordou, em sua dissertação, exatamente, essa relação entre *Super-heróis Marvel e os conflitos sociais e políticos nos EUA* (GUERRA, 2011).

Como produto cultural, as histórias em quadrinhos sofrem influência do período no qual estão inseridas. Os quadrinhos de super-heróis são expressão de um imaginário coletivo sobre a nação, os valores que norteiam sua organização social e suas ações no mundo. Com seus codinomes, uniformes e super-poderes, estes personagens fazem parte de um universo criado por quadrinistas que partilham de estratégias de intervenção cultural e também de conceitos e ideologias (GUERRA, 2011, p.201).

Nessa perspectiva, interessa-nos refletir, como os discursos de minoria vêm se fortalecendo nas diferentes partes do mundo, isto é, na potencialização da diferença, e, de modo análogo, como essas falas de respeito e de aceitação também ocorrem no universo *X-Men*. Assim, essa dualidade permite-nos empreender uma leitura do mundo dos super-heróis mutantes, mais, especificamente, do próprio discurso da mutação como metáfora para os discursos de respeito à alteridade.

A análise empreendida, aqui, foi impulsionada a partir de duas principais questões. A princípio, chama-nos a atenção o modo mais explícito como os novos filmes de super-herói, desde *X-Men: o filme* (2000) tem enfatizado as relações entre os conflitos dentro do universo X-Men aos acirramentos sociais que pertencem ao mundo real. Em segundo plano, interessa-nos perceber como esses textos já estão sendo articulados por seus leitores – nessa era das redes sociais virtuais – como literaturas que ainda hoje dialogam diretamente com o nosso tempo, isto é, com os conflitos existentes no século XXI.

2 ORIGINAL, CÓPIA E SIMULACROS: HOMENS E MUTANTES

A partir da tridimensão platônica – descrita em *A República* (2002) – em que o original possibilita a existência de uma cópia decadente que, por fim, dá origem a um simulacro, Giles Deleuze, filósofo francês, recupera as considerações do filósofo grego para empreender uma nova leitura sobre aquilo que se diz "simulacro". Na concepção do pensador francês, se negamos a cópia por apresentar semelhanças bem longínquas com o original, precisamos, então, potencializar o simulacro, já que

ele se caracteriza pela ausência das semelhanças com o original, isto é, o simulacro não é o rescaldo falho de um modelo, mas constitui um modelo outro e, por isso, autônomo, legítimo, novo e diferente (DELEUZE, 1969, p. 264). Ratificando, essa diferença – vista em Platão como cópia degradada – já não assume mais esse lugar decadente, antes se impõe como elemento de um mundo novo, mais amplo e, ao mesmo tempo, desconhecido.

O simulacro implica grandes dimensões, profundidades e distâncias que o observador não pode dominar. É porque não as domina que ele experimenta uma impressão de semelhança. O simulacro inclui em si o ponto de vista diferencial; o observador faz parte do próprio simulacro, que se transforma e se deforma com seu ponto de vista (DELEUZE, 1969, p. 264).

Assim, esse minucioso exercício reflexivo deleuziano não exemplifica a tríade platônica, pelo contrário, reverte-a, deslocando sentidos entre o que se diz autêntico e falso.

Nessa mesma perspectiva, estabelecemos um diálogo entre Giles Deleuze e o pensamento de Jacques Derrida quanto à lógica da *diférance*². No bojo das discussões da filosofia da linguagem, Derrida, filósofo franco-argelino, desmonta a lógica binária de sentidos entre palavra e sentido, de modo que busca rever os significados postergados ao longo de um processo histórico. Nesse exercício semântico – o ato de encontrar novos sentidos (*diférance*) – uma nova possibilidade surge a partir desse movimento de se diferir, se distanciar e se afirmar na diferença (DERRIDA, 1971). Ao cunhar esse neografismo, no campo da filosofia da linguagem, Derrida possibilitou-nos (re)ver, (re)pensar signos e significados pré-estabelecidos sobre um elemento linguístico. Assim, nesse exercício filosófico e científico, entendemos que

[...] o significado flutua, às vezes imperceptivelmente, pela linguagem, apoiando-se em outros, transformando-se em outros, misturando-se a outros, enfim, é a indefectível posição derridiana sempre interessada em explicitar a ausência de centros ou a impossibilidade de uma origem absoluta na relação de significação (GOULART, 2003, p.19).

Desse modo, sua filosofia reivindica a descentralização de sentidos, a possibilidade de reinterpretação daquilo que já fora definido, estabelecido e

² Termo cunhado pelo filósofo francês Jacques Derrida para traduzir o duplo movimento do signo linguístico que diferencia e difere, nunca se fixando numa única instância. Conforme insiste Derrida não se trata de um termo, conceito novo ou modelo de análise, o que desafia desde logo a sua inscrição em qualquer dicionário, porque isso significa limitar a sua significação. A exemplo do que tem sido feito na crítica anglo-americana, deve manter-se este termo no seu original por não existir um correspondente em mais nenhuma língua (CEIA, 2017).

pensado, pois é essa diferença que abomina o culto à identidade, à origem, ao domínio de um elemento sobre outro (DERRIDA, 1971). Assim, nesse aspecto, o pensamento da *diférance* de Derrida dialoga diretamente com Deleuze, quanto à reversão do simulacro, porque ambos potencializam o diferente e buscam (re)interpretá-los. É exatamente por essa razão que as articulações teóricas desses filósofos estão sendo, acentuadamente, utilizadas para pensar diferentes questões na contemporaneidade, tais como: as identificações de gênero e de sexualidade, a luta de classe, os discursos de empoderamento negro, feminino e sexual, ou seja, de modo geral, os discursos da diferença e da alteridade.

De modo análogo na realidade, assim como no mundo literário, o conflito entre o modelo e a cópia, o padrão e o diferente, também ocorre em semelhante perspectiva. O mundo das histórias em quadrinhos, por exemplo, é um fértil e rico campo de narrativas que possibilita pensar as diferentes inquietações sociais do século XX e XXI. Nesse sentido, são vários os trabalhos que têm se debruçado a estudar o mundo dos quadrinhos, sobretudo as *american graphic novel's* (haja vista a imensidão de sua produção e de seu público leitor) como uma literatura apropriada para compreender os movimentos e os comportamentos sociais na contemporaneidade.

As histórias dos *X-Men*, desde 1963, seja em HQs, em desenhos animados, em videogames ou nos vários filmes, apresentam-nos um universo literário baseado nos conflitos entre os humanos e os mutantes. Esses mutantes são humanos com características genotípicas (e fenotípicas) modificadas. Exatamente por isso, são encarados, pela sociedade estadunidense, como um projeto de ser humano degradado e doente e que carregam em seus corpos as marcas dessa degeneração. Os *X-Men* são mutantes liderados pelo poderoso telepata Charles Xavier. Eles vivem em uma escola para superdotados, onde aprendem múltiplas disciplinas, artes marciais e autocontrole dos próprios poderes, funcionando, assim, como fachada para um centro de amparo e treinamento de mutantes, localizada em Greymalkin Lane, Salem Center nos Estados Unidos. A serviço do bem e da paz social, o grupo de Xavier, os *X-Men*, lutam contra os criminosos humanos e mutantes. Afinal, como verificamos na sugestiva referência às bruxas de Salém, as vidas desses mutantes estão marcadas por uma grande perseguição. Por outro lado, cansados de tantas ameaças, há outro grupo, liderado por Magneto, um poderoso mutante, que não apenas se protege dos humanos, mas age como criminoso em

contra-ataque à sociedade civil norte-americana. Assim, nesse embate, entre a luta pela aceitação e a exigência de separação e de extermínio, a HQ *X-Men* serve-nos como um *corpus* bastante proveitoso para estudarmos os discursos de respeito ao diferente no jogo da representação literária.

Ao analisarmos a clássica saga dos *X-Men Os filhos do Átomo* (2001), por exemplo, publicado no Brasil pela editora Abril, conhecemos, de modo mais específico, a teoria da mutação pela versão do professor, doutor em Genética, Charles Xavier. Os estudos de Charles Xavier, professor X, afirmam que os mutantes são seres humanos evoluídos, e que após um grande salto na evolução humana, houve uma alteração genética, cromossômica, capaz de diferenciar os mutantes dos humanos, não apenas pelos superpoderes, mas também pelas características fenotípicas. Havia, portanto, um fator X, desde a Idade Antiga, que, porém, por desconhecidas razões, passou a se manifestar com mais intensidade nos últimos séculos. Esses indivíduos evoluídos, durante toda a saga, têm seus direitos de dignidade e liberdade cerceados, por serem considerados aberrações da espécie humana, bem como por terem seus corpos associados ao abjeto e ao monstruoso.

Figura 1 – CONTRACAPA XMEN: DEUS AMA, HOMEM MATA



Fonte: XMEN (2004)

Na dinâmica das histórias dos *X-Men*, os discursos de ódio voltados aos mutantes são protagonizados, principalmente, por líderes religiosos ou políticos, como o senador Robert Kelly ou o reverendo William Stryker. Em outros casos, essa perseguição se dá por outros departamentos do governo, ou então por um grupo de extermínio chamado de Purificadores. Nesse universo, a caça à liberdade mutante é feroz, organizada e ideológica.

Deus ama, homem mata (2014), clássica edição dos *X-Men*, publicada originalmente em 1982, é um dos exemplos mais nítidos da perseguição aos

mutantes nessas diferentes esferas: social, política e religiosa. Frequentemente, os mutantes super-heróis, ou não, deparam-se com as palavras de ordem e com os discursos de segregação, como se vê na fala do reverendo William Stryker, no capítulo 4, da edição citada anteriormente.

Nós somos seres da criação divina. No entanto - há em nosso meio aqueles cuja existência é uma afronta a essa divindade. Deus criou o homem...A raça humana! A Bíblia não faz menção a mutantes. Assim sendo, de onde eles vêm? Alguns...chamados cientistas, humanistas dizem que são parte do processo natural da evolução. (...) Isso é normal? Eu digo não! Eu digo jamais! Nós somos como Deus nos fez! Qualquer desvio deste templo sagrado. Qualquer mutação. Não pode vir do céu, mas do inferno! (X-MEN, 2014).

As falas do reverendo Stryker demonstram como o ódio aos mutantes fundamenta-se em princípios religiosos e conservadores, os quais são diariamente fincados na sociedade para a manutenção de um discurso homogêneo de humanidade, e conseqüentemente, para eliminação das diferenças. É bastante fértil pensarmos esse dilema dos mutantes na sociedade estadunidense do século XX de modo paralelo aos discursos de repressão que são construídos no mundo externo, para além da ficção. Para organizarmos esta reflexão, analisando o âmbito social, político e religioso, propomos essa análise quanto à repressão aos mutantes em duas principais perspectivas: racial e sexual.

2.1 OS NEGROS E OS MUTANTES

Embora os Estados Unidos da América estejam na ponta do processo civilizatório, o racismo é uma tragédia social que ainda está enraizada nesse país. As sequelas do período escravagista, da Guerra Civil Americana e das teorias de supremacia racial branca ainda fomentam em discursos e práticas de violência aos homens e às mulheres negras, como verificamos, ao longo do século XX, em regimes políticos totalitários como o Nazismo e o Fascismo, até em grupos extremistas como a *Ku Klux Kan* e os *Skinheads*. Assim, a história dos afro-americanos está, drasticamente, marcada pela luta de direito à sobrevivência, à humanidade e à liberdade.

O fim da Guerra Civil Americana (1861-1865) não significou o encerramento da perseguição dos afro-americanos. De outro modo, os estados sulistas nos Estados Unidos buscaram a constitucionalização das suas práticas de segregação racial através de um conjunto de leis denominadas de Jim Crow, dividindo escolas,

espaços públicos e até impedindo o matrimônio de pessoas de raças diferentes. O lema "Iguais, porém separados", voltado para a posição de negros e brancos nos transportes públicos nos Estados Unidos, é um desdobramento dessa cultura segregacionista norte-americana, posicionando os afro-americanos em condições inferiores de direitos, isto é, de cidadania, tais como: a ausência de direito ao voto, o cerceamento do direito de ir e vir, de educação e de condições dignas de trabalho.

Sendo assim, devido a todas essas repressões e cerceamentos de direitos, surgiram os movimentos em defesa dos direitos civis dos negros, alguns majoritariamente pacíficos, como aqueles liderados pelo pastor Martin Luther King, e, na contramão, outros, se preciso, em nome da guerra, como aqueles liderados por Al Hajj Malik Al-Shabazz, mais conhecido por Malcolm X. Assim, os fins da década de 60 foram marcados por intensos combates entre negros e brancos, como ocorreu nas famosas "Marchas de Selma", em 7, 9 e 16 de março de 1965, quando três caminhadas organizadas pelos movimentos em prol dos direitos dos negros tentaram chegar a Montgomery, capital do Alabam. Essas passeatas, porém, foram duramente rechaçadas pela polícia.

Exatamente nesse momento em que propomos tais retomadas históricas quanto aos desafios dos negros norte-americanos no século XX, verificamos uma relação entre o universo dos *X-Men* e a luta dos negros contra o racismo em busca dos direitos civis nos Estados Unidos. A priori, é preciso compreender que nosso interesse, aqui, não é afirmar que a criação dos *X-Men* está diretamente ligada ao contexto histórico e às personalidades revolucionárias de sua época. Antes, a partir de uma análise que põe diferentes textos em diálogo, buscamos entender como essa literatura nos possibilita flagrar intersecções entre: o discurso do líder mutante Charles Xavier e os discursos do pastor Martin Luther King, bem como as confluências de falas e posturas entre o mutante Magneto e líder negro Malcolm X.

Figura 2 – A relação entre os líderes negros e os líderes mutantes



FONTE: (ALVES, 2018)

Uma das evidências dessa relação pode ser percebida em *X-men: O filme* (2000), dirigido por Brian Singer. Nos primeiros diálogos entre Charles Xavier e Magneto, ao se referir às relações entre humanos e mutantes o professor X afirma "Eu tenho uma esperança", enquanto Magneto afirma "o futuro somos nós". Se por um lado há um discurso de paz entre humanos e mutantes, por outro acredita-se que os mutantes são a melhor parte dos humanos, os seres evoluídos. Assim, parece-nos bastante evidente a semelhança entre a fala do professor Xavier com o famoso discurso de Luther King "I have a dream", como também a perspectiva de Magneto com a de Malcolm X, quando repetia em diversos discursos "O futuro pertence a nós".

Essa literatura, portanto, representa, analisa e discute o seu próprio tempo, pensando a perseguição aos mutantes, isto é, aos diferentes, como metáfora para o sofrimento dos negros. Sem cair numa visão parcial do conflito, os roteiros de Stan Lee e de Chris Claremont apresentam também, em especial com o grupo de Magneto, os ataques dos grupos mutantes aos humanos, possibilitando-nos uma relação direta entre os mutantes revoltados com os grupos radicais negros, para exemplificar, alguns militantes do Partido Panteras Negras, em nome do *black power*, literalmente, poder negro.

Por outro lado, há ainda outro fator que engrandece a produção de toda equipe editorial do universo *X-Men*: a atualidade e a amplitude de suas temáticas. Infelizmente, os discursos e as práticas racistas não estão apenas no passado da humanidade, tampouco restritos aos Estados Unidos da América. O racismo parece se intensificar diariamente. Diferentes casos de racismo para com os negros, em diferentes partes do mundo continuam existindo, como verificamos nos diferentes textos e discursos dos "homens de *sciencia*" no século XIX, com as teorias raciais, ou com o arianismo nazista e fascista que ganha novos admiradores até hoje (SCHWARCZ, 1993).

Tendo em vista que "[...] parte da população negra, não só nos Estados Unidos, sofre com racismo [demonstrando] o legado amargo dos tempos de escravidão" (SILVA, 2017, p.619) é de tamanha importância o espaço proporcionado pelas empresas *comics* para a representatividade negra nos quadrinhos e no cinema. Heróis negros, como Falcão, Pantera Negra, Luke Cage e Tempestade, possibilitam ainda mais o diálogo entre o discurso fantástico dos quadrinhos com o seu contexto social e histórico. A possibilidade de uma heroína, capaz de salvar a

humanidade, ser mulher, negra, pobre e afro-americana, como é o caso de Ororo (Tempestade), faz de um texto de entretenimento um importante discurso político e ideológico que se insere entre os leitores de quadrinhos desde a mais tenra idade.

2.2 A MUTAÇÃO E AS QUESTÕES DE SEXUALIDADE

Em *X-Men: O Confronto Final* (2006), dirigido por Brett Ratner, logo no início da trama, verificamos o drama vivenciado pelo mutante Anjo, às vezes também traduzido como Arcanjo. Ainda criança, o mutante voador é encontrado pelo pai no banheiro, cortando as asas para esconder a sua mutação. Ao ser descoberto, Anjo chora e lamenta dizendo ao pai "Perdão, eu não queria ser assim". De maneira semelhante, em *X-Men: O filme* (2000), a história de Vampira demonstra o sofrimento de uma adolescente que se vê impedida de ter uma vida normal, haja vista o seu poder mutante. Além de ter que esconder a sua mutação de seus pais, Vampira precisa abrir mão de coisas comuns a sua idade, como o toque, o beijo e o afeto, já que seu poder é capaz de absorver as forças vitais através do contato físico. Essa condição de vida faz a jovem mutante lamentar, diariamente, o fato de ter nascida com tais características, buscando, inclusive, meios de reverter a sua mutação.

O drama sofrido pelos mutantes Anjo e Vampira são analisados, aqui, como uma importante metáfora para a representação das questões de gênero e sexualidade na sociedade contemporânea. Assim como a mutação, a identificação de gênero (cis ou trans) e as performances de sexualidade (hetero, homo ou bissexual) potencializam-se na (pré) adolescência, de forma semelhante, nesta fase, os impulsos sexuais, como o fator X, são maximizados, de maneira que esses indivíduos passam a vivenciar a descoberta de si mesmo, como também a repressão social quanto ao seu corpo.

De forma mais evidente, a questão da homossexualidade é representada no universo literário dos X-Men com o surgimento do super-herói Jean-Paul Beaubier, conhecido como Estrela Polar (em inglês, Northstar). Trata-se de um personagem criado por John Byrne para compor a equipe de mutantes canadenses que faria oposição aos mutantes da equipe de Charles Xavier. O super-herói Estrela Polar, dotado de voo, controle do gelo e super velocidade, foi criado em 1979. Nesse

período, de forma tímida, suas histórias na Tropa Alpha – como se chamava a sua equipe de mutantes – deixavam escapar frases e comportamentos que permitiam aos leitores pensar o personagem como homossexual. De maneira mais escancarada, em 1992, o personagem apareceu na edição de número 106 do gibi Tropa Alpha afirmando a sua homossexualidade. Por fim, vinte anos depois, a Marvel Comics autoriza seus editores à publicação de uma revista extra intitulada “O casamento do Ano”, na qual Jean-Paul Beaubier, o Estrela Polar, se casa com seu empresário Kyle Janadu. É importante lembrar que a publicação dessa edição especial ocorre um ano após a legalização do casamento homossexual no estado de Nova York.

De maneira mais específica, Dandara Palankof e Cruz (2015) analisa esse casamento entre Estrela Polar e Kyle Janadu e faz a seguinte consideração “O casamento de tão icônico personagem, após uma trajetória de insinuações veladas pelo conservadorismo e de uma atabalhoada “saída do armário”, mostra a evolução do discurso sobre essa minoria em um gênero conhecido por seu conservadorismo”.

Figura 3: Capa da Revista X-Men “O casamento do Ano”



Fonte: XMEN, 2012

A vigilância quanto ao binarismo sexual homem-mulher, bem como quanto ao arquétipo daquilo que se diz masculino ou feminino perdura há séculos, não apenas no mundo ocidental, mas na maior parte do mundo. A repulsa à homossexualidade –

apesar de também ser registrada em grupos sociais distantes da doutrina cristã – deve-se muito à difusão dos preceitos dogmáticos judaico-cristãos. Essa moral cristã, transmitida como um “totem” no Ocidente, tem se construído como um “tabu” no que se refere à condenação do comportamento homossexual. Recuperando Freud, em *Totem e Tabu* (1996), consideramos que o “tabu” está diretamente ligado ao exercício do poder religioso, pretendendo frear todo tipo de vontade obscura existente nos indivíduos, nas tribos e nas instituições, isto é, uma proibição a respeito de algo que é intimamente desejado.

Essa repressão sexual, que se exerce enquanto poder, também foi investigada por Foucault em *A história da Sexualidade* (1999). Nesse livro, Michel Foucault propõe uma genealogia dessa vigilância histórica quanto às práticas sexuais, analisando como as diferentes instituições sociais, sobretudo a Igreja Católica – estiveram (e ainda estão) interessadas pela regulação de comportamentos sexuais e pela confissão de pecados quanto à sexualidade. Esse controle está diretamente ligado ao poder de cerceamento e punição. Sobre isso, ele afirma que “[o] exame médico, a investigação psiquiátrica, o relatório pedagógico e os controles familiares podem, muito bem, ter como objetivo global e aparente dizer não a todas as sexualidades errantes ou improdutivas” (FOUCAULT, 1999, p.44).

Nesse quesito, há alguns dados de 2015 fornecidos pela CIDH (Comissão Interamericana de Direitos Humanos) que nos chama a atenção a respeito dessa problemática:

(i) somente em 1973, a homossexualidade deixou de ser classificada como doença pela Associação Americana de Psiquiatria.

(ii) Em 1997, vários países da América Latina, como Chile, Equador, Panamá e Nicarágua criminalizavam as relações sexuais entre pessoas do mesmo sexo.

(iii) Ainda hoje, 11 países membros da OEA (Organização dos Estados Americanos) mantêm as relações sexuais entre pessoas do mesmo sexo como crime. Mais especificamente, sobre o contexto brasileiro, constata a CIDH

[...] além disso, a Comissão Interamericana recebeu informações preocupantes sobre o número de homicídios de pessoas LGBT no Brasil. As estatísticas do Brasil superam consideravelmente as de qualquer outro Estado Membro da OEA, em relação ao número de homicídios documentados (CIDH, 2015, p.96).

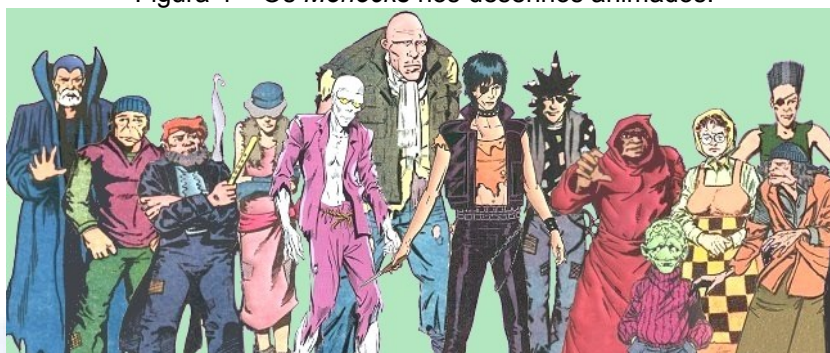
Esse policiamento histórico, motivado por totens e dogmas, exercido por diferentes instituições, ao longo dos anos, reconfigurou-se como um ódio civil a

gays, a bissexuais e a homens e mulheres trans. Assim, nas últimas décadas, o incômodo com a presença de pessoas do grupo LGBTI (Lésbicas Gays, Bissexuais, Trans e Intersexo) deixou de ser protagonizado apenas por grandes instituições. O combate à comunidade LGBTI tem sido uma pauta presente até mesmo na corrida eleitoral, tanto do poder legislativo como do executivo, como ocorreu nas eleições de 2018 no Brasil. Assim, volta a crescer no Brasil, e em várias outras democracias, a força de um discurso conservador em relação às liberdades sexuais. Como consequência desse enfrentamento, os crimes de homofobia têm se intensificado pelo mundo. Como registra o Grupo Gay da Bahia (GGB, 2013, p.1), a cada 28 horas um homossexual brasileiro foi barbaramente assassinado em 2013, vítima da homofobia. Dados como esse demonstram que, lamentavelmente, o Brasil continua sendo um lugar perigoso para a vida de pessoas LGBTI.

Retomando a alegoria entre o discurso da mutação e o discurso da revolução sexual, verificamos a tamanha correspondência entre as duas diferentes questões. Curiosamente, é este mesmo adjetivo "estranho", comumente associado aos mutantes, que deu nome à teoria da antropóloga norte-americana Judith Butler, a teoria *Queer*. Para a pesquisadora (1993), a sexualidade humana desenvolve-se no percurso da vida de um indivíduo, como uma travessia e não uma condição estática. No entanto, a censura ao corpo é um comportamento que atravessa a sociedade há milênios e que se reinventa no Universo *X-Men* a partir da terrível caça aos mutantes.

Os *Morlocks*, por exemplo, são, talvez, os mutantes mais perseguidos nesse universo. Eles vivem nas partes subterrâneas da cidade e possuem características fenotípicas que lhes impedem de serem aceitos pelos humanos devido aos traços estranhos.

Figura 4 – Os *Morlocks* nos desenhos animados.



Fonte: LUZIFER, BINARYAN, 2018

Voltando a citar *Deus ama, o homem mata* (2004), logo na abertura da edição, está estampada a pergunta do reverendo William Stryker a respeito do mutante Noturno "Isso é um humano?". Não diferente, na realidade brasileira, tal qual a norte-americana, discursos religiosos têm sido proferidos – na câmara dos deputados, no senado ou mesmo nas ruas – para tratar os homossexuais como seres abomináveis ou aberrações da natureza. Contra isso, o professor Xavier no episódio animado de *Caça aos mutantes* (XMEN, 199?) explica: "[c]om frequência em nossa história, pessoas infelizes e descaminhadas vêm buscando bodes expiatórios, culpando aqueles que são diferentes pelos problemas de suas próprias vidas.

Assim, o drama sofrido pela comunidade LGBTI, ou mais especificamente, ao indivíduo homossexual ou transgênero, assemelha-se às crises de identidade sofridas por vários mutantes ao longo de suas vidas, tais como Anjo, Vampira, Dr. Hank McCoy (Fera) e Noturno.

4 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

É importante (re)lembrarmos que as histórias dos *X-Men* não nos possibilitam apenas estabelecer uma analogia entre "mutação" e "questões raciais" ou "mutação" e "sexualidade", mas também demonstrar preocupação para com o sujeito social inferiorizado, pensando-o de forma reversiva, potencializada, isto é, como simulacros reversivos, para retomar Giles Deleuze. Sendo assim, nitidamente, os roteiros dos *X-Men* discutem a respeito da valorização do diferente, do respeito à alteridade, de como os dramas pessoais desencadeiam em múltiplos sujeitos sociais e da necessidade de compreensão e afeto entre as pessoas.

Esse discurso ético e moralizante nas HQs dos *X-Men* intensifica-se ainda mais nas séries animadas de TV- tendo em vista o caráter pedagógico que se consolidou nos desenhos animados na década de 1990. Produzido pela *Saban Entertainment* em parceria com a *Marvel Comics*, os desenhos dos *X-Men* foram exibidos pela Rede Globo e pela *Fox Kids* por mais de uma década. Em vários episódios dessas animações, nota-se, exatamente, o que temos discutido até aqui a respeito do preconceito, da negação dos direitos humanos, da violência ao próprio corpo-humano e, de modo geral, de vários problemas sociais que afligiram a população mundial no século passado, os quais se alastram também no século XXI.

Assim, nesse convite a ressignificar o olhar que se tem para o diferente, para ao desconhecido, como propôs Derrida, essas características peculiares mutantes que envolvem seus corpos – a telepatia, a telecinese, a invisibilidade, a regeneração, a magnetização, dentre tantas outras habilidades – são compreendidas como traços singulares a cada indivíduo, os quais devem ser respeitados e compreendidos, tais como as características fenotípicas e a sexualidade.

Posto isso, por fim, é preciso considerar o vanguardismo e a ousadia dos roteiros de Stan Lee, Jack Kirby, Chris Claremont e de todo o grupo Marvel, quanto à iniciação de temáticas tão problemáticas e tão atuais em textos juvenis. Nas diferentes propostas, quadrinhos, desenhos animados e filmes, o Universo *X-Men* tece uma crítica aguda a diversas instituições públicas norte-americanas, a política estadunidense, a projetos científicos, à Segunda Guerra Mundial, ao nazismo e, como discutido aqui, ao racismo e à homofobia.

REFERÊNCIAS

ALVES, Ingrid. **Xavier a Martin Luther King e Malcolm X a Magneto**. Disponível em <<https://ingridalvesblog.wordpress.com/2017/05/07/xavier-a-martin-luther-king-e-malcolm-x-a-magneto/>> Acesso 02 nov 2018.

BUTLER, J. **Critically Queer**. **GLQ: A Journal of Lesbian and Gay Studies** 1, Durham, North Carolina, Estados Unidos, Duke University Press, 1993, pp.17-32.

CEIA, C. s.v. “**diferrãnce**”, E-Dicionário de Termos Literários (EDTL), coord. de Carlos Ceia, ISBN: 989-20-0088-9, < <http://www.edtl.com.pt> >, consultado em 20 set 2017.

CIDH – Comissão Interamericana de Direitos Humanos. **Violência contra as pessoas LGBTI**. Organização dos Estados Americanos. OAS,/ Ser.L/V/II.doc. 36/15 rev1. 12 nov 2015.

DELEUZE, Gilles. **Lógica do sentido** (1969). São Paulo: Perspectiva, 1998. 342 p.

DERRIDA, Jacques. **A escritura e a diferença**. Trad. Maria Beatriz M. Nizza da Silva. São Paulo: Perspectiva, 1971

FOUCAULT, Michael. **História da sexualidade**. A vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

FREUD, Sigmund. **Totem e tabu**. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. XIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

GOULART, A.T. **Notas sobre o desconstrucionismo de Jacques Derrida**. 2003. Disponível em <http://portal.pucminas.br/imagedb/mestrado_doutorado/publicacoes/PUA_ARQ_ARQUI20121011175312.pdf > Acesso em 20 set 2017.

GRUPO GAY DA BAHIA (GGB). **Assassinato de Homossexuais (LGBT) no Brasil**: Relatório 2013/2014. Disponível em <<https://homofobiamata.files.wordpress.com/2014/03/relatc3b3rio-homicidios-2013.pdf> > Acesso 06 jan 2017.

GUERRA, Fábio Guerra. **Super-heróis Marvel e os conflitos sociais e políticos nos EUA**. Dissertação (Dissertação em História). UFF – Niterói. 2011, 243p.

LUZIFER, Peter. BINARYAN, R.J. **Os Morlocks dos desenhos animados**. Disponível em < <https://uncannyxmen.net/groups/morlocks> > Acesso 19 jan 2018.

PALANKOF, Dandara e Cruz. O casamento de estrela polar: a evolução da representação social LGBT no imaginário ficcional das HQS de super-heróis In: **Jornadas Internacionais de Histórias em Quadrinhos** 3ª edição. São Paulo 2015 (edição digital).

PLATÃO. **República**. Rio de Janeiro: Editora Best Seller, 2002. Tradução de. Enrico Corvisieri

SALES, A.C. Seropédica. **Platão e o Simulacro: A perspectiva de Deleuze**. RJ, EDUR, v. 28, n. -21, jan.-dez., 2006. p. 01-08.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras. 1993.

SILVA, Amaranta Vasconcelos. **Marvel e os Direitos Humanos: histórias em quadrinhos, direitos sociais e cidadania**. Anais do V CIDIL – Justiça, Poder e Corrupção. V. 5, N. 2, P. 619-634, JUL. 2017.

X-MEN: Deus ama, homem mata. São Paulo: Panini Books. Edição Especial. 2014.

X-MEN: Filhos do Átomo. São Paulo: Abril. Edição Especial. 2001.

X-MEN: O casamento do ano. São Paulo: Abril. Edição Extra 136.1. 2012.

X-MEN: O Filme. Dir. Bryan Singer. Prod. Lauren Shuler Donner, Ralph Winter. 20th Century Fox, Marvel Studios.2000. Film.

X-MEN: O Confronto Final. Dir. Brett Ratner. Prod. Lauren Shuler Donner, Ralph Winter, Avi Arad. Century Fox, Marvel Entertainment. 2006. Film.